

**MARIA SIBYLLA MERIAN, DE FRANKFURT AO SURINAME: CONSIDERAÇÕES
CONCEITUAIS A PARTIR DA OBRA *NAS MARGENS* DE NATALIE ZEMON DAVIS (SÉCULOS
XVII E XVIII)**

**MARIA SIBYLLA MERIAN, FROM FRANKFURT TO SURINAME: CONCEPTUAL
CONSIDERATIONS FROM *NAS MARGENS* BY NATALIE ZEMON DAVIS (17TH AND 18TH
CENTURIES)**

Alan Ricardo Schimidt Pereira¹

Resumo: No presente trabalho nos propomos a analisar a trajetória de Maria Sibylla Merian a partir de sua biografia escrita por Natalie Zemon Davis no livro *Nas Margens* (1997), visando à compreensão das práticas de escrita, leitura, circulação de saberes e tradução partindo de autores como Kapil Raj, Roger Chartier e Peter Burke. Maria Sibylla foi uma entomologista e naturalista de Frankfurt, que após um período entre labadistas, foi para Amsterdam e depois para o Suriname.

Palavras-chave: Circulação, Maria Sibylla Merian, tradução.

Abstract: In the present work we propose to analyze the trajectory of Maria Sibylla Merian from her biography written by Natalie Zemon Davis in the book *Nas Margens* (1997), aiming to understand the practices of writing, reading, circulation of knowledge and translation based on authors such as Kapil Raj, Roger Chartier and Peter Burke. Maria Sibylla was an entomologist and naturalist from Frankfurt who after a period between Labadistas went to Amsterdam and after, to Suriname.

Keywords: Circulation, Maria Sibylla Merian, translation.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre viajantes sempre instigaram os historiadores. Para além de uma narrativa voltada a aventuras em terras desconhecidas, estes profissionais se detiveram em questões como a produção e circulação de conhecimento empregada por aqueles que se lançaram pelos mares em busca de informações. Interessaram-se, os historiadores, também pelas questões envolvendo alteridade, representação, apropriação, dominação etc².

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGH-PUCRS) na linha de pesquisa de cultura e etnicidade, com bolsa PROSUC/CAPES.

alanricardo.ricardo2@gmail.com

² Entre algumas obras que podemos citar que fazem parte destas produções temos, entre muitas outras: LEITE, Miriam Moreira. **A condição feminina no Rio de Janeiro, Século XIX:** Antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: HUCITEC, 1984; CERDAM, Marcelo Alves. **Maria Graham e a escravidão no Brasil.** Entre o olhar e o bico da pena e os leitores do diário de uma viajante inglesa do século XIX. Revista História Social. Campinas-SP. nº 10, p. 121-148, 2003;

Esta questão não foi diferente para a historiadora Natalie Zemon Davis, renomada na área de História Cultural, História das Mulheres e questões de gênero³. Entre estes estudos, envolvendo viajantes, Natalie Davis escreveu o livro *Nas margens* (1997) pretendendo trazer a trajetória de três mulheres do século XVII, sendo elas Glikl bas Judah Leib, Marie de L'Incarnation e Maria Sibylla Merian⁴.

No prólogo de seu livro *Nas Margens* (1997) Natalie Zemon Davis cria um diálogo fictício entre as três mulheres estudadas e ela própria, deixando claro quais foram suas motivações para a escrita do livro. Em uma de suas falas, a historiadora se justifica aos personagens históricos e afirma não ter tido o intuito de apresentá-las como "sofredoras resignadas"⁵, mas teve, sim, como intuito demonstrar como essas mulheres "souberam tirar o máximo proveito de sua situação" visando "ver as vantagens que tiveram por se situarem nas margens"⁶.

Ao ser questionada pelas personagens sobre o termo "nas margens", Natalie Davis responde às suas interlocutoras: "Vocês *encontraram* coisas nas margens. Todas foram ousadas. Cada uma de vocês tentou fazer algo que ninguém nunca havia feito. Imaginei quais teriam sido as fontes e os custos da aventura — para europeus e não-europeus — durante o século XVII"⁷.

E ao ser acusada por procurar aventuras, a autora responde às três mulheres estudadas:

PATACA, Ermelinda Moutinho. **Coletar, preparar, remeter, transportar** - práticas de História Natural nas Viagens Filosóficas portuguesas (1777-1808). Revista Brasileira de História da Ciência. Rio de Janeiro-RJ, v. 4, n. 2. p. 125-138, Jul/Dez, 2011. Disponível em: https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=342>. Acessado em 21 de jul. 2022; MOSCATO, Daniela Casoni. **O viajante não está só; a cultura científica em memórias sobre o Brasil e as ligações entre os naturalistas luso-brasileiros do século XVIII e os viajantes cientistas do século XIX**. 2017. 242 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/49454>. Acesso em: 21 jun. 2022; PRATT, Mary Louise Pratt. **Os olhos do império**: relatos de viagem e Transculturação. Tradução Jézio Hernanni Bonfim Gutierrez. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

³ Para saber mais sobre Natalie Zemon Davis recomendamos os seguintes trabalhos: BASSO, Rafaela. **A Escrita da História de Natalie Davis no livro *Nas Margens***. Revista Outros Tempos. Volume 7, número 9. p. 211 à 224. jul. 2010. Disponível em: < https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/129>. Acessado em: 22 de jul. de 2022; LEITE, Mayke Rogerio Ferreira. **História e Imaginação em Natalie Zemon Davis**. 2019. 204 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10234>. Acesso em: 22 jun. 2022.

⁴ DAVIS, Natalie Zemon. *Metamorfoses – Maria Sibylla Merian*. In: _____. *Nas margens: três mulheres no século XVII*. Tradução HILDEGARD FEIST. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

⁵ DAVIS, *Op. Cit.* p. 13.

⁶ DAVIS, *Ibidem.* p. 13

⁷ DAVIS, *Op. Cit.* p. 13-14 (grifo da autora).

"Sim, foi uma aventura acompanhar a trajetória a de vocês três em atmosferas tão distintas. E eu quis escrever sobre as esperanças de um paraíso na terra, de mundos reconstruídos, pois também acalentei as mesmas esperanças"⁸.

Com base nesses trechos fictícios, através das falas de Natalie Davis, vemos que sua motivação para estudar estas mulheres estava no valor que a historiadora viu em suas trajetórias. Essas trajetórias tiveram elementos "que ninguém nunca havia feito", e a busca por um "paraíso na terra". Com isso, autora se instigou pelos custos que as viajantes tiveram em sua trajetória, como apontado, e como estas pessoas, por serem mulheres, conseguiram realizar o que realizaram em uma situação que as colocavam "nas margens".

Tendo visto o valor de suas trajetórias, Davis⁹ discorre sobre as mulheres nas margens, e uma delas foi aquele sobre a qual dedicamos nossa análise, Maria Sibylla Merian. Esta mulher foi uma entomologista¹⁰ do século XVII-XVIII. Tendo nascido em Frankfurt em uma família de artistas e tendo se casado com um artista, ela teve acesso às práticas de leitura e escrita, bem como às práticas artísticas próprias da época moderna¹¹. Em sua trajetória, Merian se divorcia do marido e se une à seita protestante dos labadistas¹² com suas filhas, e neste momento suas práticas de entomologia sofrem adequações para serem bem aceitas pela comunidade¹³. Após deixar os labadistas, Merian se dirige à Amsterdam e lá mantém contato com botânicos e outros cientistas, e percebendo as lacunas nas catalogações de insetos na Holanda, ela resolve ir pessoalmente para o Suriname em busca das informações faltantes¹⁴.

Ao longo deste trabalho veremos como as vivências de Merian, sua trajetória, suas redes de sociabilidade, os livros que escreveu, o seu reconhecimento e as suas viagens estiveram permeados de práticas diversas que interessam principalmente à História Cultural e à História Social.

A proposta deste trabalho, longe de querer esgotar o tema e propondo a ser uma operacionalização conceitual, um exercício de análise, é analisar a trajetória de Maria Sibylla Merian através de sua biografia escrita por Natalie Zemon Davis no livro *Nas margens*¹⁵, nos utilizando de

⁸ DAVIS, *Ibidem.* p. 14.

⁹ DAVIS, *Op. Cit.*

¹⁰ Entomologista é o indivíduo que estuda as características mais diversas dos insetos. Sua ciência é a entomologia.

¹¹ DAVIS, *Op.cit.*

¹² Seita protestante pietista fundada por Jean de Labadie que tinha características coletivistas.

¹³ DAVIS, *Ibidem.*

¹⁴ DAVIS, *Ibidem.*

¹⁵ DAVIS, *Ibidem.*

conceitos como “circulação” de Kapil Raj¹⁶, “olhar” de Sérgio Cardoso¹⁷, “tradução” de Peter Burke¹⁸ e “apropriação” de Roger Chartier¹⁹ para compreendermos as formas de circulação e produção de conhecimentos efetuadas por Merian em suas viagens e vivências, bem como suas práticas de leitura e escrita.

MARIA SIBYLLA MERIAN: UMA ANÁLISE CONCEITUAL SOBRE AS PRÁTICAS DE ESCRITA, LEITURA, TRADUÇÃO E CIRCULAÇÃO

Merian dedicou a vida à observação de insetos, tendo viajado ao Suriname no ano de 1699 - então com 52 anos - para preencher as lacunas de catalogação que se apresentavam nas coleções de Amsterdam²⁰. Durante todo seu trabalho, Merian ultrapassou as fronteiras do “ver” e adentrou os domínios do olhar que “... perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, e parece originar-se sempre da necessidade de “ver de novo” (ou ver o novo), como intento de “olhar bem”, conforme a teorização de Sérgio Cardoso a respeito do conceito de “olhar”²¹. Ou seja, ela exerceu o olhar sobre os insetos, enquanto ação que remete à introspecção, à observação minuciosa e atenta daquilo que se põe diante dos olhos.

As redes de sociabilidade faziam parte da vida de Merian quando casada, pois “O casal estava longe de ser solitário. Frequentava (sic.) a casa de Joachim Sandrart (ex-aluno do pai de Maria Sibylla) e de outros artistas locais que tentavam fundar uma Academia”²². Ora, nestas redes de sociabilidade nada nos faz pensar que não houvesse uma prática de leitura conjunta, popular na época, segundo Chartier²³, e uma difusão de conhecimentos - causada pela alfabetização e “circulação densa da

¹⁶ RAJ, Kapil. Além do Pós-colonialismo... e Pós-positivismo: Circulação e a História Global da Ciência. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n.13, páginas 164 a 175, Dezembro. 2015.

¹⁷ CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 347-360. Disponível em: <<https://artepensamento.com.br/item/o-olhar-dos-viajantes-do-etnologo/>> . Acessado em 07 de jan. de 2022

¹⁸ BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: _____; R. Po-Chia Hsia (org.). **Tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. 1ª edição. Tradução Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Páginas 13 a 46.

¹⁹ CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, Roger **A História Cultural entre práticas e representações**. 2ª edição. Tradução Mara Manuela Galhardo. DIFEL, 2002a. Páginas 13 à 28 ; CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. 1ª Edição. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002b. P. 61-79

²⁰ DAVIS, *Op.cit.*

²¹ CARDOSO, *Op.cit.*

²² DAVIS, *Op. Cit.* p. 137.

²³ CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger (org.). **História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. páginas 113-162.

palavra impressa”²⁴ ou pela circulação de traduções típicas da modernidade, conforme Peter Burke²⁵ - ou informações sobre arte e ciência, pois sendo artistas que queriam abrir uma academia, e sabendo que Maria e seu marido sabiam escrever, percebemos uma intelectualidade artística, e acreditamos que ocorressem essas trocas, mesmo que Davis não as mencionem, pois a oralidade ainda era muito presente na época²⁶; contudo isto se sustenta quando a autora aponta que em Nuremberg ela, provavelmente, conversou sobre terras distantes com Christopher Arnold, seu amigo, que publicou um livro sobre as religiões do Caribe, Guiana e Brasil²⁷, denotando compartilhamento de informações e circulação – aos moldes do que Kapil Raj²⁸ compreende por este conceito (*stricto modo*).

Maria Sibylla, segundo Davis, nasceu em Frankfurt no ano de 1647, entre os artistas de sua família estavam seu pai que também era editor - mas morrera quando ela tinha três anos -, seu padrasto, Jacob Marrel, que era pintor, o marido de Maria, que também era artista, e os seus irmãos que trilharam o caminho do pai como artistas e editores²⁹. Talvez o acesso a pessoas instruídas nas letras e nas artes tenha propiciado à Maria aprender a ler e escrever, como, sem dúvida, influenciou na sua arte. As conjunturas sociais também podem ter auxiliado na sua prática de escrita e leitura, pois conforme Chartier³⁰ a Europa do norte/noroeste tinha altas taxas de alfabetização, e o protestantismo, ao qual Merian era adepta, auxiliou no processo de alfabetização de vários países do Norte, como a Suécia. Tal auxílio se dava pelo fato do protestantismo prezar pela interpretação da bíblia por parte dos seus fiéis³¹. Contudo, não devemos concluir “... que a leitura generalizada constitui, em todo lugar e sempre, efeito obrigatório do protestantismo”³², pois

Só com a "Segunda Reforma", iniciada pelo pierismo no final do século XVII, a relação individual com a Bíblia — que supõe o domínio da leitura — é colocada como uma exigência universal, apresentada inicialmente pelo ensino mútuo dos conventículos religiosos, afirmada a seguir pelos Estados nas ordenações que regulamentam os programas das escolas elementares³³

²⁴ *Ibidem*, 2009. p.113

²⁵ BURKE, *Op.cit.*

²⁶ CHARTIER, 2009, *Op. Cit.*

²⁷ DAVIS, *Op.cit.*

²⁸ RAJ, *Op.cit.*

²⁹ DAVIS, *Op.cit.*

³⁰ CHARTIER, 2009, *Op. Cit.* p. 120

³¹ CHARTIER, 2009, *Op. Cit.* p. 121.

³² *Ibidem.* p. 122,

³³ *Ibidem.* p. 123

Ou seja, vai ser somente no século XVII que a prática de leitura irá se difundir na Alemanha, nas mesmas décadas em que se difundiam as campanhas de alfabetização na Suécia (após a lei da Igreja de 1686)³⁴, portanto, aproximadamente quarenta anos após o nascimento de Maria Sibylla. Todavia, os países protestantes europeus estavam à frente dos países católicos no que condiz à propriedade de livros, tanto que na metade do século XVIII os inventários de livros nas cidades da Alemanha renana e luterana passavam de 80%, incluindo Frankfurt³⁵, local de nascimento de Merian. Em verdade estes dados são posteriores à morte de Maria Sibylla, porém acreditamos que a situação não fosse radicalmente diferente durante a sua vida entre meados do século XVII e início do XVIII, e, de toda forma, caso a região onde Maria Sibylla cresceu e se alfabetizou não fosse, na época, um local que possuía uma considerável quantidade de livros - o que duvidamos, pois seu pai e irmãos eram editores, o que implica haver público de consumo de livros, se não na cidade, ao menos perto - sem dúvidas o acesso à uma família de artistas protestantes e letrados lhe permitiu ter uma boa educação no âmbito familiar que lhe permitiu aprender a ler, escrever e desenhar.

Além de tudo, Davis³⁶ afirma que Merian recorreu a estudos botânicos para suas obras, apesar de não os ter citado, isso também demonstra a circulação do conhecimento, sem dúvida, estimulado pelas traduções de obras, conforme Burke³⁷ e pela alfabetização crescente, segundo Chartier³⁸.

A naturalista³⁹ viveu em um período em que a natureza morta⁴⁰ estava em alta e esta forma de arte a influenciou, assim como "... trabalhos anteriores para elaborar representações "naturalistas" ou "miméticas" da fauna e da flora; além disso haviam imagens de insetos e plantas em livros de oração holandeses", como colocou Davis⁴¹. Isto denota acesso aos livros, uma circulação de impressões que fomentava a circulação de conhecimentos e saberes, ao menos no que diz

³⁴ *Ibidem.* p. 121;123.

³⁵ *Ibidem.* p. 132

³⁶ DAVIS, *Op.cit.*

³⁷ BURKE, *Op.cit.*

³⁸ CHARTIER, 2009, *Op.cit.*

³⁹ Naturalistas eram os estudiosos que no período moderno até o século XIX se interessavam pelos estudos dos mais diferentes aspectos da natureza, como os animais, as plantas, a geografia, a geologia, a mineralogia, etc.

⁴⁰ A natureza morta foi um tipo de manifestação artística popular no século XVII. "O termo "Natureza-morta" deriva do holandês *stilleven*, em inglês, *still-life*, que significa uma composição de objetos e/ ou seres inanimados, silenciosos, discretos, incapazes de movimento, com a vida em suspenso. As sensações de quietude e calma caracterizam também a exposição de ambientes íntimos e caseiros, os quais retratam, muitas vezes, o estilo de vida daqueles que aparecem para protagonizar as pinturas" (CORRÊA; MOREIRA, 2021, p. 2). In: CORRÊA, Melena Regina Duarte; MOREIRA, Altamir. **Considerações sobre a presença da natureza-morta na arte contemporânea.** DAPesquisa, Florianópolis, v. 16, p. 01-13, nov. 2021.

⁴¹ DAVIS, *Op. Cit.* p. 140.

respeito à religião. Além do mais, havia uma tradução da natureza para a arte, exercendo uma atividade do olhar aos moldes do que nos apresentou Cardoso⁴². Aqui, dizemos tradução no sentido próximo ao de Burke⁴³, pois assim como os tradutores de livros descritos por este autor, Maria Merian também praticava recortes: Sibylla modificava, quando achava necessário, suas representações, modificando a verossimilhança dos insetos⁴⁴. Burke⁴⁵ ressalta que a tradução implica perdas (principalmente para os doadores), sendo possível comparar, ousadamente, a transposição do real para a arte praticada pela nossa mulher de ciência, com o trabalho dos tradutores de obras escritas.

Também é significativo o fato de que Maria Merian atravessou fronteiras sociais ao ser artista, viajar e saber escrever⁴⁶. Mas, ao contrário de Anácarsis e Ciles, mencionados por Heródoto, e que, segundo Hartog⁴⁷, teriam sofrido as consequências por cruzarem fronteiras culturais, territoriais e religiosas, a entomologista não sofreu consequências negativas. Proveniente de uma família de artistas e editores renomados, ela foi incentivada na arte e provavelmente nas letras por sua família, como já mencionado, indo de encontro com as concepções de sua época que achavam que o temperamento feminino influiria sobre o gênio⁴⁸, e com as concepções modernas que viam a escrita como negativa para as mulheres⁴⁹. Contudo, eram bem aceitas as traduções de obras feitas por estas, pois eram consideradas mais de acordo com a “modéstia feminina do que a escrita original”, nas palavras de Burke⁵⁰.

Quebrando estes paradigmas, Merian foi artista⁵¹, escreveu de forma autoral e traduziu sua obra para o latim como o livro *Metamorphosis insectorum surinamensium* (*Metamorfose dos insetos surinamenses*), de 1705, tendo provavelmente recebido ajuda⁵². Nesta última questão não há nada de novo, pois como diz Burke, muitos tradutores eram semiprofissionais, tendo outras profissões que não só a de tradutor, e entre estes havia um grande número de mulheres, e era muito comum era o

⁴² CARDOSO, *Op.cit.*

⁴³ BURKE, *Op.cit.*

⁴⁴ DAVIS, *Op. Cit.* p. 140.

⁴⁵ *Ibidem.*

⁴⁶ DAVIS, *Op.cit.*

⁴⁷ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 480 páginas

⁴⁸ DAVIS, *Op.cit.*

⁴⁹ CHARTIER, *Op.cit.*

⁵⁰ BURKE, *Op. Cit.* p. 18

⁵¹ DAVIS, *Op.cit.*

⁵² DAVIS, *Ibidem.*

trabalho em conjunto⁵³. Além de ter seus saberes adquiridos a partir de sua conjuntura social, Merian também passou seus saberes para as filhas, ensinando-as a escrever, observar insetos e pintá-los⁵⁴.

Talvez, inclusive, este tenha sido um dos motivos dela ter se separado dos labadistas (grupo protestante a que Merian se uniu após a separação com o marido, tendo passado cinco anos entre eles), pelo fato deles proibirem muitos livros. Burke afirma que os “patronos” – instituições ou pessoas – podiam fomentar ou proibir livros, havendo entre estes indivíduos autoridades religiosas⁵⁵. Durante seu período entre os labadistas, Merian teve contato com pessoas de diferentes classes e línguas⁵⁶. Aqui, vemos o contato entre diferentes culturas, permitindo traduções culturais, a partir do conceito de Peter Burke^{57 58}, pois convivendo com a alteridade talvez fosse necessário realizar tais traduções para a compreensão dos outros. Além disso, o período em que viveu naquela comunidade exigiu uma resignificação da vida de Merian, uma tradução e negociação do novo meio por perder elementos da vida anterior, ao precisar se adaptar.

A comunidade labadista, por contar com pessoas de diversos lugares, sem dúvida, se tornava um espaço de contato entre culturas, sendo assim possível levantar a hipótese de que houve, sim, traduções da cultura do outro (aspirando à compreensão deste outro) para a aceitação. Davis aponta que nas cartas de Merian desta época encontra-se uma “... linguagem polida de deferência social”⁵⁹, o que denota a permanência de alguns aspectos da cultura anterior na nova, mostrando o processo de negociação dentro da nova sociedade. Os próprios labadistas demonstravam uma tradução do protestantismo luterano quando falavam em sexo e casamento, afirmando que “... só verdadeiros crentes e a “santa temperança” em relação a sexo podiam sustentar o casamento cristão”, coisa que diverge dos luteranos que permitiam “... o divórcio em caso de adultério, abandono deliberado ou impotência, mas não em caso de excesso sexual dentro do matrimônio ou divergências espirituais”⁶⁰.

⁵³ BURKE, *Op.cit.*

⁵⁴ DAVIS, *Op.cit.*

⁵⁵ BURKE, *Op.cit.*

⁵⁶ DAVIS, *Op. Cit.*

⁵⁷ BURKE, *Op.Cit*

⁵⁸ É o trespassse de elementos de uma cultura para outra visando a apropriação ou entendimento dessa mesma cultura. Geralmente ocorrem modificações e resignificações nos elementos culturais para a adaptação de uma cultura para a outra, pretendendo-se a dominação ou compreensão da outra cultura. (ex: os jesuítas que não se vestiam com suas roupas habituais na China, mas sim com roupas típicas dos chineses religiosos, para adequar os ritos aos receptores, intencionando a conversão). Nem toda tradução cultural é bem aceita, sendo muitas vezes vista com resistência pelas instituições (como no caso da China, em que os jesuítas que empregaram a tradução foram criticados pelos seus pares por descaracterizarem os ritos) (BURKE, 2009).

⁵⁹ DAVIS, *Op. Cit.* p. 149-150.

⁶⁰ *Ibidem.* p. 150-151.

No processo de tradução cultural também há perdas culturais⁶¹, e isso também ocorreu com Merian, pois ela, na comunidade labadista, já não podia usar trajes requintados e joias como as que usava em Nuremberg para visitar aristocratas⁶².

O trabalho de Merian também foi afetado pelo labadismo, levando-a a um processo de tradução/adaptação da religião para dentro do seu trabalho, afinal, os integrantes de tal seita consideravam os insetos “criaturas de deus” carregados de um “eu inocente”⁶³. Ela tinha um livro de registros onde trabalhava⁶⁴, e valendo-se dos ideais do grupo sobre os insetos, ela prosseguiu com seus estudos, tendo sido uma forma de transformar “seus estudos em propriedade coletiva [...] que pertenceria à família labadista quando ela morresse”⁶⁵. Isto é uma tradução da religião para dentro dos seus estudos, é uma forma de traduzir a utilidade de seu trabalho para os companheiros da comunidade.

Após deixar os labadistas, Merian foi para Amsterdam. Lá conviveu com naturalistas, colecionadores e botânicos, frequentou o jardim botânico da cidade, e junto de seu diretor “... pôde conhecer plantas das Américas, da África e do Pacífico, cujas sementes ou espécimes foram trazidos por comerciantes holandeses e funcionários da Companhia das Índias Orientais”⁶⁶. Isso demonstra a circulação de saberes aos moldes do que Kapil Raj entende por “circulação”. Para este autor a circulação é movimento de práticas, saberes, utensílios etc. Entre diferentes grupos, sociedades, países, continentes, cidades, enfim⁶⁷. O que diferencia a circulação da “difusão” é o fato de a circulação implicar na novidade. Os indivíduos, entrando em contato e promovendo trocas de saberes e negociações, se apropriam destes e os modificam. Então a circulação é não somente o movimento espacial da ciência/saber, mas o movimento que causa a modificação, a reconfiguração através da negociação. Ressalta-se que nem tudo circula, pois a circulação depende das condições (como o clientelismo, amizade, obrigações e o próprio desejo dos atores produtores de saberes em relação à circulação ou não destas produções)⁶⁸.

⁶¹ BURKE, *Op. Cit.*

⁶² DAVIS, *Op. Cit.* p. 150

⁶³ *Ibidem*, p. 153.

⁶⁴ “Tinha um livro de bom papel em branco, que encomendara talvez à tipografia labadista, e, usando molduras de papel azul cinzento, colou ali sua coleção de pequenas aquarelas com estudos de insetos e respectivas metamorfoses. Não se tratava de trabalhos finais, com belas composições de plantas e flores, mas de estudos situados a meio caminho entre a instantaneidade do esboço e a permanência de suas aprimoradas aquarelas e gravuras” (DAVIS, *Op. Cit.*, 1997, p. 153).

⁶⁵ DAVIS, *Op. Cit.*

⁶⁶ *Ibidem*, p. 156.

⁶⁷ RAJ, *Op. Cit.*

⁶⁸ *Ibidem*.

Contudo, como aponta Davis, Merian sentia falta de informações como a origem e transformação dos insetos nas coleções que teve acesso, e com isso ela mesma decidiu ir ao Suriname atrás destes dados⁶⁹. Peter Burke⁷⁰ afirma que a tradução de obras muitas vezes ocorre para preencher lacunas nas culturas que as traduzem, como informações médicas, científicas, etc., e aqui vemos um processo similar – ainda que nem de longe o mesmo, pois ao invés de traduzir obras de outros países, Merian se dirige ao próprio país de origem das suas dúvidas, não com o intuito de traduzir obras, mas objetivando achar espécimes, demonstrando uma transposição de fronteiras (sociais – uma mulher viajando era algo mal visto conforme Davis⁷¹ - geográficas, etc.) para o preenchimento de lacunas. Com isso, Merian queria levar o conhecimento do novo mundo para o velho, queria trazer para o grande público os animais mal catalogados dos acervos, mas com as informações corretas. O processo de circulação, conceituado por Raj⁷², foi iniciado durante a estadia de Maria em Amsterdam, contudo, ele vai se intensificar muito mais quando Merian estiver no Suriname.

No Suriname ocorreu mais do que a difusão de conhecimentos, e podemos, entre outras coisas, entender que houve um processo de circulação. Merian, ao ter contato com indígenas e africanos escravizados coletou muitas informações sobre plantas, pássaros e insetos, mencionando o auxílio destas pessoas – sem mencionar nomes, dando um crédito indireto⁷³ – em sua obra sobre a *Metamorfose dos Insetos Surinamenses (Metamorphosis insectorum Surinamensium)* de 1705⁷⁴. A circulação envolvendo Merian e estes indivíduos, como implica o conceito, passou por negociações, pois ela omitiu as informações de cunho “mágico” que estes indivíduos lhe forneceram, “Talvez temesse comprometer sua credibilidade de naturalista com relatos de natureza mágica. Eis aí uma fronteira que talvez lhe conviesse estabelecer”, como aponta Natalie Davis.⁷⁵

Talvez o fato de Maria Merian ser protestante, ou seja, cristã, tenha influenciado também nesta omissão. Davis afirma que o padre Labat, estando na Martinica, dizia que os africanos misturavam "cristianismo com idolatria" e os indígenas possuíam uma “indiferença natural à

⁶⁹ DAVIS, *Op. Cit.* p. 157.

⁷⁰ BURKE, *Op. Cit.*

⁷¹ DAVIS, *Op. Cit.*

⁷² RAJ, *Op. Cit.*

⁷³ Algo que ainda sim é significativo, pois Davis (1997) afirma que os naturalistas não davam crédito algum aos povos que lhes forneciam informações, somente se estes fossem europeus.

⁷⁴ DAVIS, *Op. Cit.*

⁷⁵ *Ibidem.* p. 183.

religião”⁷⁶, e mesmo no século XIX, escravistas, no Brasil, classificavam os negros escravizados como supersticiosos, tendo o médico Jean-Baptist Alban Imbert dito que as escravizadas podiam colocar as mulheres cativas grávidas em risco por suas crenças⁷⁷, e esta superstição foi tida como naturalizada pelos escravistas, pois o fazendeiro e ex-militar Carlos Augusto Taunay afirma que os indivíduos negros eram “supersticiosos por natureza”⁷⁸. Enfim, mesmo que Merian tenha feito uma literatura etnográfica indiferente “à fronteira entre civilizado e selvagem”⁷⁹, acreditamos - inclusive pelo fato dela mencionar Deus em seus livros, e por ela ter se disposto a adaptar seu trabalho para uma visão labadista sobre os insetos quando esteve naquela comunidade - que para além da ciência, a questão religiosa tenha influenciado nesta omissão, por considerar pouco legítima a visão mística do mundo exposta por africanos e ameríndios, que eram amplamente vistos como supersticiosos.

Com relação à alteridade, podemos dizer que Merian não tinha o intuito de delimitar uma fronteira entre o selvagem e o civilizado quando fez sua incursão pelo Suriname, como já mencionado, tanto que ela nunca empregou o termo “selvagem” e nem se preocupou se o cristianismo melhoraria ou não os africanos e ameríndios⁸⁰, indo contra a prática costumeira dos viajantes do século XVII e XVIII que se expressavam em relação à alteridade como “naturais” ou “selvagens”, opondo uma “animalidade” e uma “humanidade”⁸¹. Mas ela não se furta aos termos “meus escravos” e “meus índios”, apresentando-se, assim, como uma proprietária de escravizados – que comprara ou ganhara na colônia -, ainda que criticasse “a monocultura canavieira que dependia da escravatura e aceitasse a legitimidade dos holandeses no Suriname”⁸². Merian também “eventualmente entrava no mundo dos africanos e ameríndios, expondo sua opinião de europeia sobre o gosto de determinadas plantas e frutas — nunca de insetos, sapos ou ovos de cobra”⁸³, o que mostra o claro contato cultural exigindo uma negociação, conforme a teorização de Peter

⁷⁶ *Ibidem*. p. 175.

⁷⁷ IMBERT, Jean-Baptist Alban. Das Moléstias das Mulheres. In: IMBERT, Jean-Baptist Alban. **Manual do fazendeiro, ou tratado doméstico sobre, as enfermidades dos negros, generalizado ás necessidades medicas de todas as classes, tomo 2**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1839. Página 242 à 275. Disponível em: https://archive.org/details/delta53921_2. Acessado em: 24 de maio de 2021.

⁷⁸ TAUNAY, Carlos Augusto. **Manual do Agricultor Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 321 páginas.

⁷⁹ DAVIS, *Op. Cit.* P. 176.

⁸⁰ *Ibidem*. p. 175.

⁸¹ LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 1ª edição. Tradução Marie-Agnè Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2003. 169 páginas

⁸² DAVIS, *Op.Cit.* p. 172.

⁸³ *Ibidem*. p. 174.

Burke⁸⁴: o europeu precisa adentar o mundo da alteridade, mas nem sempre aceita todos os aspectos dele, e necessita de realizar uma adaptação.

Apesar de não ter ido para a América observar as pessoas, Maria Sibylla prestou atenção nas práticas abortivas utilizadas pelos cativos ameríndios no Suriname, que recorriam a uma planta chamada “flor do pavão”, que além do aborto, poderia provocar a aceleração do parto⁸⁵. Além disso Merian observa que muitas mulheres africanas cometiam o suicídio por conta do “severo tratamento ao qual de hábito são submetidas”⁸⁶. Maria afirma que foram as próprias mulheres que lhe contaram estes detalhes, mas o fato dela ter registrado estas informações no seu livro mostra que ela voltou sua atenção para o tema. Com relação à “flor do pavão” percebemos claramente a circulação – no sentido de Kapil Raj⁸⁷ - quando Davis afirma que

Há [...] um compartilhamento público dos "segredos femininos", expostos com certa simpatia por uma europeia em cujo mundo o aborto era ilegal e pecaminoso. *Escuto mulheres africanas; relato o aborto sem condenação*. (Merian também pode ter espaçado seus partos, ocorridos em 1668 e 1678, utilizando um método contraceptivo como o coito interrompido, mas não o aborto) (grifos da autora).⁸⁸

Este compartilhamento público dos segredos femininos intercontinental nada mais é do que a circulação de saberes femininos sobre plantas que influenciavam na continuidade ou interrupção da gravidez.

Merian, como se pode constatar, não foi uma viajante tradicional do período moderno, tendo em seu relato um “tom de conversação [...] com mulheres que falavam em abortar filhos para não os dar à luz como escravos”⁸⁹, e o seu “tom etnográfico” também é um diferencial, pois ela não classificou os costumes indígenas e africanos – assim como não classificou espécies de plantas e animais -, e suas observações se voltaram principalmente para as plantas e os insetos, constituindo “uma extensão do seu modo de ver as relações existentes na natureza”⁹⁰. Todavia, isso não significa que ela não tivesse algumas semelhanças com os viajantes do período: assim como os viajantes do século XVI e XVII que buscavam elementos da natureza como “o céu, a terra, a fauna e a flora”⁹¹, ela se debruçou mais sobre insetos e plantas do que sobre os humanos, e assim como estes viajantes, quando cita os humanos, ela adentra nas “incursões tímidas” mencionadas por Laplantine, que se

⁸⁴ BURKE, *Op. Cit.*

⁸⁵ MERIAN *apud* DAVIS, *Op. Cit.* p. 173

⁸⁶ MERIAN *apud* DAVIS, *Ibidem.* p. 173

⁸⁷ RAJ, *Op. Cit.*

⁸⁸ DAVIS, *Op. Cit.* 174.

⁸⁹ *Ibidem.* p. 173.

⁹⁰ *Ibidem.* p. 174-175.

⁹¹ LAPLANTINE, *Op. Cit.* 42.

voltavam para “inclinações e costumes”⁹², como no caso dos abortivos das cativas e algumas considerações sobre os alimentos⁹³, como já mencionado.

Ao entrar em contato com estes novos indivíduos, Maria provavelmente se comunicou com eles em um dialeto crioulo chamado “Neger-Engels”^{94 95}. Além disso, ao escrever seu livro, Merian utilizou uma prática de tradução chamada estrangeirização⁹⁶, onde ela manteve os nomes originais das plantas de acordo com os vocabulários dos indígenas e dos holandeses do Suriname⁹⁷, de mais a mais, ela relacionou suas descobertas com as de outros naturalistas, empregando uma prática de apropriação ao adaptar o novo, o conhecimento indígena-africano ao europeu.

Aqui entendemos apropriação a partir de Roger Chartier, que pretende uma “história social dos usos e das interpretações” dos sentidos dentro dos seus contextos de produção, entendendo estas interpretações e usos dos sentidos, significados, como sendo a apropriação⁹⁸. Chartier também coloca a apropriação cultural como “formas diferenciadas de interpretação”⁹⁹. Ou seja, ao ter acesso aos saberes indígenas e africanos, e ao uni-los aos saberes europeus naturalistas, Maria Sibylla pôs em prática uma interpretação dos significados destes saberes, situando-os em seus espaços de produção - sabendo quem produziu cada saber, a partir de quais credos, preceitos, métodos etc.-, filtrando aquilo que achava ou não relevante, e os unindo para empregar-lhes um uso científico ao formular seu livro, se pondo em uma posição de produção de saberes.

Chartier ainda diz que “cada leitor, cada espectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe”¹⁰⁰ e Certeau afirma que “o consumo cultural é, ele mesmo, uma produção - uma produção silenciosa, disseminada, anônima, mas uma produção”¹⁰¹, ou seja, quando o indivíduo se apropria de uma obra, um saber, um objeto e seus sentidos, ele está também produzindo, pois está se apropriando através da interpretação que exerce sobre o objeto. Chartier também aponta que a questão chave “[...] quando nos interessamos pela história da produção dos significados, é compreender como as limitações são sempre transgredidas pela invenção ou, pelo

⁹² *Ibidem*, p. 42.

⁹³ DAVIS, *Op. Cit.*

⁹⁴ O próprio surgimento deste dialeto utilizado entre indígenas, africanos e holandeses denota um processo de tradução, adaptação, negociação e circulação da linguagem entre estes grupos.

⁹⁵ DAVIS, *Op. Cit.* p. 163.

⁹⁶ BURKE, *Op. Cit.*

⁹⁷ DAVIS, *Op. Cit.*

⁹⁸ CHARTIER, 2002b, *Op. Cit.* p. 68.

⁹⁹ *Idem*, 2002a, *Op. Cit.* p. 28.

¹⁰⁰ *Idem*. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**: conversações com Jean Lebrun. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998. P. 19.

¹⁰¹ *Apud* CHARTIER, *Ibidem*. p. 19.

contrário, como as liberdades da interpretação são sempre limitadas”¹⁰². Ora, Maria Sibylla interpreta - ainda que limitadamente em sua posição de europeia – os saberes da alteridade – ameríndia e africana -; ela talvez visse como superstição os saberes de cunho mágico que estes indivíduos lhe professaram - tanto que os omitiu -, mas fez deles um uso inventivo ao criar seu livro, e entendemos também que Merian transgrediu pela invenção ao unir os saberes em sua obra e tapar lacunas do saber europeu sobre a América.

Além do acima mencionado, a tradução cultural empregada por Merian se expressa claramente quando, para explicar aos europeus os sabores e usos de plantas, ela efetua comparações com elementos conhecidos do velho mundo – prática retórica muito similar à de Heródoto ao tentar explicar elementos bárbaros para os gregos¹⁰³:

Sibylla Merian, tão interessada em comparações culturais ("As batatas [...] podem ser cozidas como cenouras; seu gosto lembra muito castanhas, porém é mais doce"), "observaria que o uso mágico das plantas por parte dos ameríndios e africanos assemelhava-se ao uso das ervas na medicina rural da Alemanha; que os artrópodes desempenhavam um papel nas fábulas de Esopo, embora infinitamente menos importante que o papel de Anansi; que Anansi Cavalga o Tigre tinha algumas analogias com a velha lenda europeia de Edis cavalgando." "E perceberia nítidas diferenças, como as existentes entre os ritos de passagem dos adolescentes nas terras do Caribe e na Europa."¹⁰⁴

Isso nos remete à Laplantine quando fala dos viajantes e sua relação com a autoridade e afirma que “[...] o outro não é considerado para si mesmo. Mal se olha para ele. Olha-se a si mesmo nele”¹⁰⁵. Estas comparações com intuítos de tradução elucidam bem isto, já que para entender aquilo que lhe era apresentado, foi necessário recorrer à sua própria experiência, em um ato comparativo entre a cultura do “nós” e “eles”. Além disso, em suas imagens, Merian utilizava uma narrativa “através da natureza estética”¹⁰⁶ que “habilmente conduzia o leitor europeu de um lado a outro, do familiar ao estranho”¹⁰⁷.

Também podemos pensar esse processo de utilização dos saberes de indígenas e cativos como sendo, ao invés de apropriação, uma *transculturação*. Para Mary Louise Pratt a transculturação ocorre quando

¹⁰² CHARTIER, 1998, *Op. Cit.* p. 19

¹⁰³ HARTOG, *Op. Cit.*

¹⁰⁴ DAVIS, *Op. Cit.* p. 183.

¹⁰⁵ LAPLANTINE, *Op. Cit.* p. 36.

¹⁰⁶ Termo utilizado por Davis, acreditamos que signifique que a estética de sua obra conduziu a narrativa através das imagens pintadas.

¹⁰⁷ DAVIS, *Op. Cit.* p. 168.

grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana. Se os povos subjugados não podem controlar facilmente aquilo que emana da cultura dominante, eles efetivamente determinam, em graus variáveis, o que absorvem em sua própria cultura e no que o utilizam. Transculturização é um fenômeno da zona de contato.¹⁰⁸

Além dos indivíduos dominados, os dominadores também realizam a transculturização, pois eles recebem saberes e materiais dos povos dominados, os selecionam e absorvem adaptando-os à sua própria cultura. A transculturização, enquanto um fenômeno de mão dupla, é elucidada por Pratt¹⁰⁹ quando aponta que

Se a metrópole imperial tende a ver a si mesma como determinando a periferia (seja, por exemplo, no brilho luminoso da missão-civilizatória ou na fonte de recursos para o desenvolvimento econômico), ela é habitualmente cega para as formas como a periferia determina a metrópole - começando, talvez, por sua obsessiva necessidade de continuamente apresentar e re-apresentar para si mesma suas periferias e os "Outros"¹¹⁰.

Como a autora apontou a transculturização é um fenômeno da *zona de contato*¹¹¹. Este conceito, para Mary Louise Pratt, é o local onde os "encontros coloniais"¹¹² ocorrem, onde os indivíduos separados pela geografia e pela história se encontram e "estabelecem relações contínuas geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada"¹¹³. Pratt sintetiza o conceito da seguinte forma: "'zona de contato' é uma tentativa de se invocar a presença espacial e temporal conjunta de sujeitos anteriormente separados por descontinuidades históricas e geográficas cujas trajetórias agora se cruzam"¹¹⁴. A autora nos explica como formulou este conceito, dizendo que o termo "contato" veio da linguística, baseado no conceito "linguagem de contato", que são linguagens formadas entre "locutores de diferentes línguas nativas que precisam se comunicar entre si de modo consistente, um com o outro, usualmente no âmbito comercial"¹¹⁵. Tal expressão visa uma complexificação no entendimento do encontro entre povos e culturas distintas, como podemos constatar na seguinte passagem da autora:

Ao utilizar o termo "contato", procuro enfatizar as dimensões interativas e improvisadas dos encontros coloniais, tão facilmente ignoradas ou suprimidas pelos relatos difundidos de conquista e dominação. Uma "perspectiva de contato" põe em relevo a questão de como os

¹⁰⁸ PRATT, Mary Louise Pratt. **Os olhos do império: relatos de viagem e Transculturização**. Tradução Jézio Hernanni Bonfim Gutierrez. Bauru, SP: EDUSC, 1999. P. 30-31

¹⁰⁹ *Ibidem*.

¹¹⁰ PRATT, *Op. Cit.*, p. 31.

¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹² *Ibidem*, p. 31.

¹¹³ *Ibidem*. p. 31

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 32.

¹¹⁵ PRATT, *Op. Cit.* p. 31-32.

sujeitos são constituídos nas e pelas suas relações uns com os outros. Trata as relações entre colonizadores e colonizados, ou a “visitados”, não em termos da separação ou segregação, mas em termos da presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, frequentemente dentro de relações radicalmente assimétricas de poder¹¹⁶.

Se a transculturação ocorre dentro de relações de poder assimétricas que surgem no encontro entre os indivíduos na zona de contato, e está ligada à dominação, podemos afirmar, mais uma vez, que o termo transculturação também se aplica à trajetória de Merian, pois ela chegara ao Suriname vindo da Metrópole e recebeu auxílio de famílias de colonos holandeses. Por este fato ela se colocava em uma relação de poder assimétrica com os povos dominados pelos holandeses, e isso é bem demonstrando quando ela adquire escravizados no Suriname¹¹⁷. Inclusive é, justamente, este país que podemos identificar como a zona de contato adentrada por Maria Sibylla.

Também poderíamos supor que a comunidade labadista frequentada por Merian seria uma zona de contato, pois nela ocorreu o encontro de pessoas dos mais diversos lugares e línguas, e lá existiu relações de poder hierárquicas e negociações/reconfigurações de saberes, como já mencionamos ¹¹⁸. Porém, a comunidade labadista não se encontrava em uma situação metrópole/colônia, não falamos aqui, neste caso, de um poder imperialista colonizador, de dominadores e dominados dentro de uma lógica colonial, mas sim de encontros marcados por hierarquias que fogem à lógica do que podemos entender como transculturação (enquanto trocas, filtragens e adaptações de saberes entre uma cultura dominante e povos marginalizados) e zona de contato, pois a comunidade, apesar de estabelecer contatos culturais/linguísticos e ter hierarquias, se baseava em uma coletividade entre os indivíduos.

Cabe ressaltar que a apropriação se diferencia da transculturação pelo fato de a primeira não implicar em modificação daquilo que é absorvido pelo indivíduo, enquanto a segunda implica a modificação, o diálogo, a mescla, a negociação, estando próxima do processo de circulação de Kapil Raj¹¹⁹.

Com relação à uma representação europeia do Novo Mundo no período em que Merian viveu, podemos afirmar, a partir de Laplantine, que “Esse fascínio exercido pelo indígena americano [...], protegido da civilização e que nos convida a reencontrar o *universo caloroso da natureza*, triunfa nos séculos XVII e XVIII” (*grifo nosso*) ¹²⁰. Se Maria Merian, leu *Oroonoko* de Aphra Behn - que representou

¹¹⁶ *Ibidem*. p. 32.

¹¹⁷ DAVIS, *Op. Cit.*

¹¹⁸ *Ibidem*.

¹¹⁹ RAJ, *Op. Cit.*

¹²⁰ LAPLANTINE, *Op. Cit.* p.33.

o clima do Suriname como “uma primavera eterna”, sem mencionar “o calor exasperante e os insetos ameaçadores”¹²¹ - e tomou isso como uma verdade, sem dúvida nossa naturalista sofreu na pele as consequências de uma representação romantizada do Novo Mundo, mas de toda forma, como Natalie Davis bem nota, Merian não suportou o calor do Suriname, e encerrou sua estadia naquele país¹²².

Ao voltar do Suriname, Merian publicou seu livro e trocou cartas com conhecidos¹²³, fazendo circular o conhecimento adquirido na América - produto de um contato intenso com os saberes ameríndios e africanos -, além de ter se dedicado também à tradução dos volumes de sua obra *Lagartas Europeias* para o holandês.

Mas Merian enfrentou alguns obstáculos, dentre os quais podemos apontar o fato dela não ter tido financiamento em sua viagem ao Suriname, dependendo de doações de conhecidos que moravam na colônia¹²⁴. Como acompanhantes, Maria Sibylla tinha basicamente suas filhas, e apesar de ser muito visitada e benquista por outros cientistas, seu trabalho se dava basicamente com o auxílio familiar¹²⁵.

Estes obstáculos demonstram o quanto era difícil para as mulheres serem profissionais em suas áreas de interesse na época moderna, pois como bem aponta Peter Burke¹²⁶, mulheres que sabiam escrever não eram bem vistas, ainda que elas, talvez, tivessem auxílio familiar para prosseguir com tal prática.

CONCLUSÃO

Maria Sibylla Merian foi uma mulher viajante do século XVII-XVIII, que, interessada principalmente em insetos, se dirigiu ao Suriname para preencher lacunas nos catálogos dos Países Baixos. Mesmo com seu conhecimento, sua reputação entre botânicos, artistas e outros profissionais, ela não deixou de estar *nas margens*, como bem intitula o livro de Davis, pois sendo uma mulher cientista e artista, Maria enfrentou obstáculos para desenvolver seu trabalho e em sua vida pessoal.

¹²¹ DAVIS, Op. Cit. p. 179.

¹²² DAVIS, *Ibidem*, p. 166.

¹²³ DAVIS, *Ibidem*.

¹²⁴ DAVIS, *Ibidem*.

¹²⁵ DAVIS, *Ibidem*.

¹²⁶ BURKE, Op. Cit.

O que procuramos demonstrar neste trabalho foram as possibilidades de aplicações de conceitos quando trabalhamos com viajantes, nos utilizando como meio de exemplificação a trajetória de Maria Sibylla Merian, que além de ter produzido conhecimento, auxiliou na circulação, tradução cultural e linguística, difundiu impressos, e aliou saberes diversos para formular seus estudos, tudo isso através de um processo de quebras de fronteiras sociais e geográficas, e através de um olhar aguçado voltado à natureza, mesmo que o fato de ser uma mulher em finais do século XVII e início do XVIII lhe impusesse embargos. Mesmo podendo parecer excêntrica por seu interesse em insetos, Maria Sybilla teve papel fundamental na circulação de saberes na Europa de seu tempo, e conseguiu se impor enquanto erudita mesmo perante os homens, obtendo respeito e reconhecimento.

Ao nos depararmos com casos como o de Maria Merian, uma mulher viajante da época moderna, podemos desvelar um universo que foi silenciado pela historiografia por muito tempo, mas que aos poucos tem sido resgatado - embora ainda haja um grande caminho para percorrermos – a História das mulheres. Podemos citar, por exemplo, entre tantas obras que tem resgatado tais indivíduos e suas representações, o já clássico *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*¹²⁷ de Michelle Perrot, ou o livro *História das Mulheres no Brasil*¹²⁸, organizado por Mary Del Priore. Tais livros, apesar de serem uma bibliografia básica sobre o tema, já demonstram os avanços nos estudos dos marginalizados, principalmente no que condiz à História das Mulheres. Além da História das Mulheres em uma perspectiva ampliada, podemos apontar trabalhos historiográficos que se debruçam sobre trajetórias históricas femininas, que tem auxiliado na dissipação do silenciamento e omissão. Entre estes trabalhos gostaríamos de citar a tese de doutorado de Lorena Féres da Silva Telles intitulada *Teresa Benguela e Felipa Crioula estavam grávidas: maternidade e escravidão no rio de janeiro (século xix)*¹²⁹.

Com estes trabalhos percebermos como indivíduos, apesar de marginalizados auxiliaram nos mais diversos processos sociais, principalmente no que diz respeito à circulação de saberes, práticas

¹²⁷ PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** tradução Denise Bottmann. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. *E-book não paginado.*

¹²⁸ DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil.** 7ª Edição. São Paulo: Contexto, 2004. *E-book não paginado.*

¹²⁹ TELLES, Lorena Féres da Silva. **Teresa Benguela e Felipa Crioula estavam grávidas: maternidade e escravidão no rio de janeiro (século xix).** 2018. 340 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24072019-152856/pt-br.php>. Acesso em: 03 jun. 2021.

de escrita e leitura, difusão de obras e práticas de tradução que não deixam de ser formas de auxiliar na produção e circulação do conhecimento e da constituição das ciências como as conhecemos hoje, além de terem deixado legados que, apesar de pouco divulgados ou até negligenciados, quando encontrados, encantam aqueles que sobre eles se debruçam.

Tal trajetória – magistralmente estudada por Davis - torna-se perfeita, por sua complexidade e riqueza, para a aplicação de conceitos de forma demonstrativa, servindo como um material de base para alunos graduandos e pós-graduandos que estão iniciando seus estudos na área de História Cultural em geral, ou, especificamente, nos estudos de viajantes, circulação, apropriação, representações, etc., que também pode entrar na grande área da História Cultural, bem como da social, da História das Mulheres, dos estudos culturais, antropológicos e históricos de gênero.

